

O CASTRO DE SÃO JUZENDA EM VALE DE PRADOS, MIRANDELA

(Nota preliminar)

Martin Hock
e Luís Coelho

Esta pequena notícia é um primeiro resultado do estudo, ainda em curso, das estruturas e dos materiais encontrados numa sondagem no castro de São Juzenda ¹, aldeia de Vale de Prados, freguesia de Múrias, concelho de Mirandela.

Geologicamente, Vale de Prados situa-se numa larga mancha de xistos e quartzitos do Silúrio cortada a norte pelos granitos hercínios de Valpaços e do curso médio do Tuela; situada na passagem da Terra Quente para a Terra Fria, o seu clima oferece invernos húmidos mas com índices térmicos superiores aos de Vimioso, Bragança e, mesmo, Macedo de Cavaleiros; a vegetação predominante é constituída por carvalhos e castanheiros, e por giestas e carrascos nas terras altas enquanto não aproveitadas na produção de cereais; as culturas mais importantes são o azeite e os produtos hortícolas que se dão nas terras baixas, aliás muito férteis pelas boas condições de irrigação.

As coordenadas do castro são as seguintes:

7° 9' 20" longitude oeste de Greenwich
41° 36' 10" latitude norte ²

Este castro situa-se, numa elevação com o valor altimétrico máximo de 342 m ³, a norte da confluência do ribeiro de Vale de Prados com o rio Tuela, o qual corre a oeste do castro, sendo o desnível do cimo para o rio de cerca de 100 m; esta encosta para o rio é muito íngreme, quase a pique; a do lado sul, portanto a do ribeiro, já o é menos; a encosta oriental, virada para a aldeia de Vale de Prados, tem a forma de uma extensa lomba com um declive ainda notável e regular. Do lado norte, o castro é separado da elevação seguinte apenas por uma depressão de cerca de 40 m, oferecendo assim um acesso mais fácil por aí. Estas características topográficas reflectem-se nas obras de fortificação: o topo do monte está cercado por dois lances de muralhas, ainda quase inteiramente visíveis no terreno. A ladeira para o ribeiro tem, além disso, numerosos vestígios de muralhas, algumas das quais teriam, também, a função de rampas de acesso e de terraços de habitação e em vários pontos, sobretudo deste lado, notam-se restos de casas. Na encosta oriental deparamos com uma construção bastante complexa que não pode ser interpretada sem proceder aí

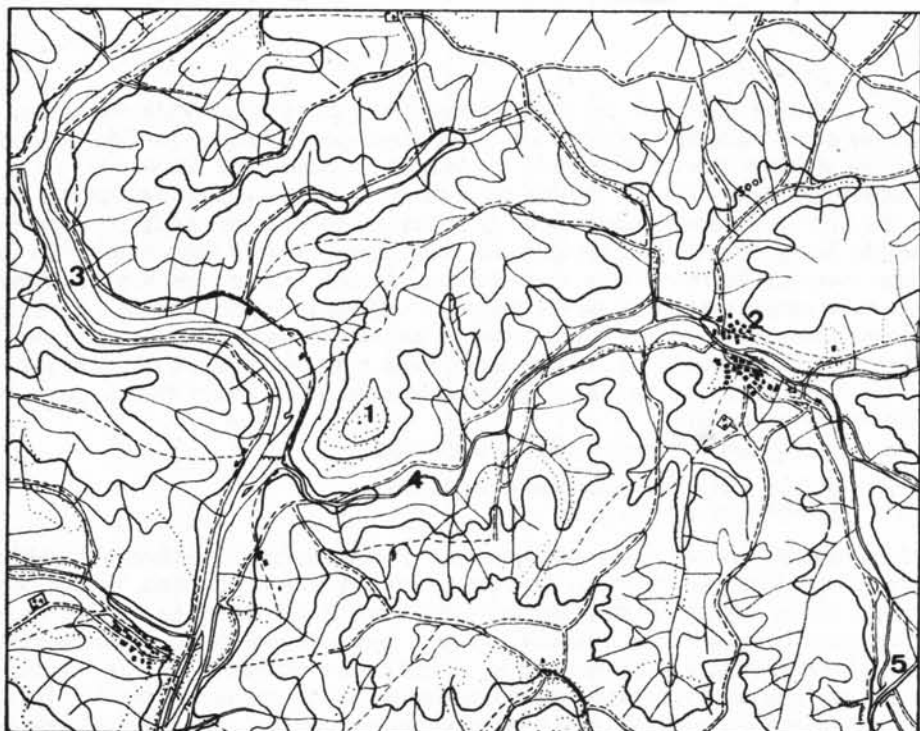
¹ Albino Pereira Lopo, S. Juzenda, in *O Archeologo Português*, V, Lisboa, 1900, pp. 114-115; Francisco Manuel Alves, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, tomos IX e X, Porto, 1934 e 1938, pp. 496 e 278 respect; Martin Hock e Luís Coelho, Materiais metálicos da colecção arqueológica do Museu do Abade de Baçal em Bragança, in *O Archeologo Português*, III série, VI, Lisboa, 1972, pp. 221-222.

² Carta Corográfica de Portugal, 1/50 000, folha 7-C. ed. do Instituto Geográfico e Cadastral, Lisboa, 1957.

³ *Ibidem.*

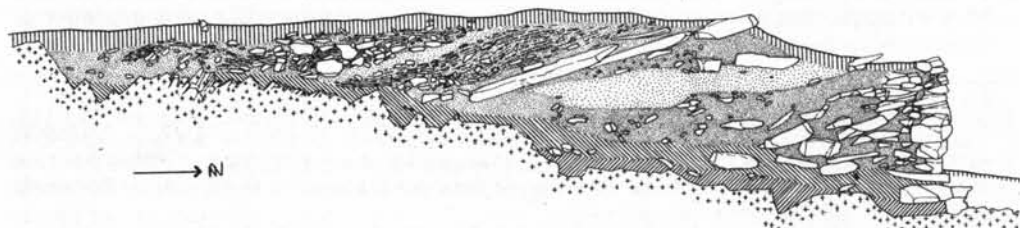
a uma escavação, mas que se supõe ser uma entrada. O acesso por norte é defendido, a cerca de uns 90 m do segundo recinto, delimitado pelo segundo lance de muralha, por uma terceira muralha, a qual se junta em forma de U à edificação deste segundo recinto.

Aproveitando uma brecha já existente nesta terceira muralha, devida à abertura de uma passagem para carros, procedeu-se à limpeza do perfil, cujo desenho se reproduz na fig. 2, e à escavação da pequena camada de terra não removida que



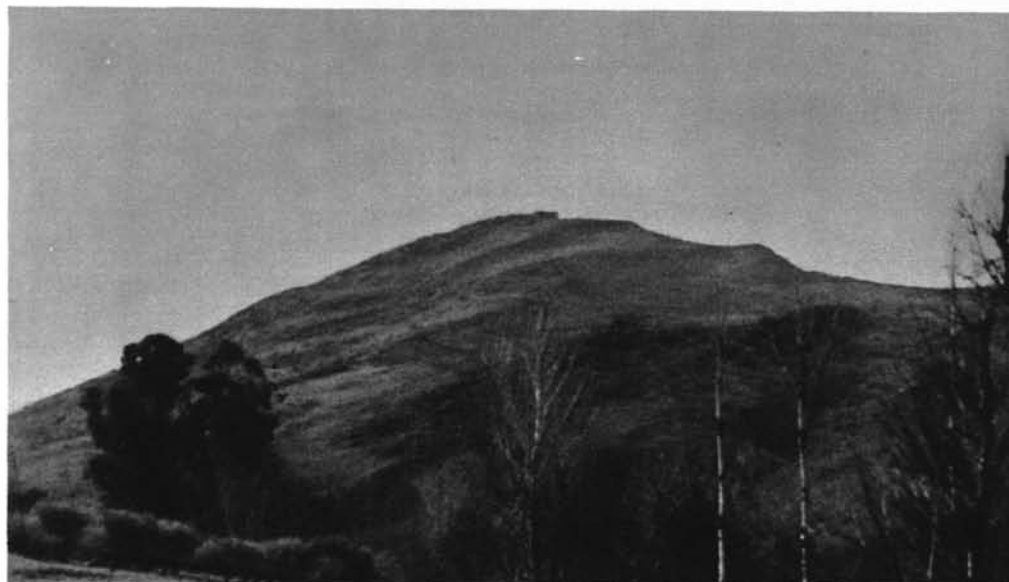
Esc. 1=25 000

Fig. 1 - Localização do castro de S. Juzenda. (1 - castro de S. Juzenda; 2 - aldeia do Vale dos Prados; 3 - rio Tuela; 4 - ribeira de Vale de Prados; 5 - Estrada Nacional 206 [de Mirandela a Torre D. Chama])



0 1m

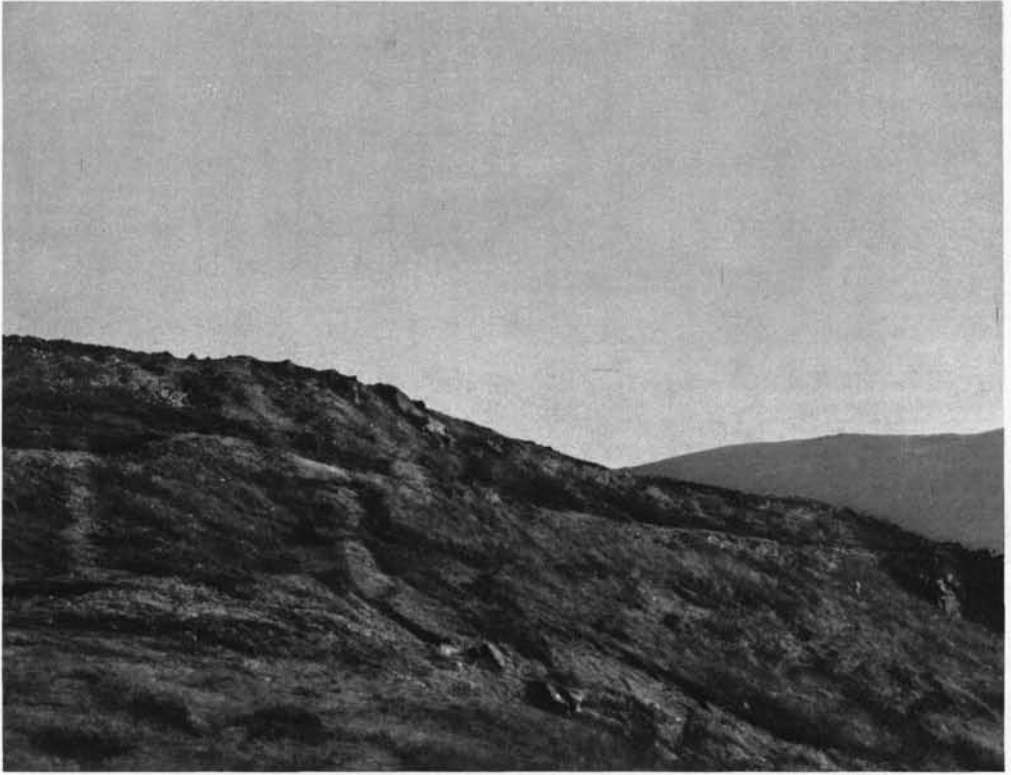
Fig. 2 - Perfil da terceira muralha



Fot. 1 - O castro de S. Juzenda - Vista geral de este

Fot. 2 - O castro de S. Juzenda. - Visto de norte; as setas indicam a localização do perfil na terceira muralha





Fot. 3 - O castro de S. Juzenda visto de NW.

Fot. 4 - O castro de S. Juzenda. Pormenor da muralha interior



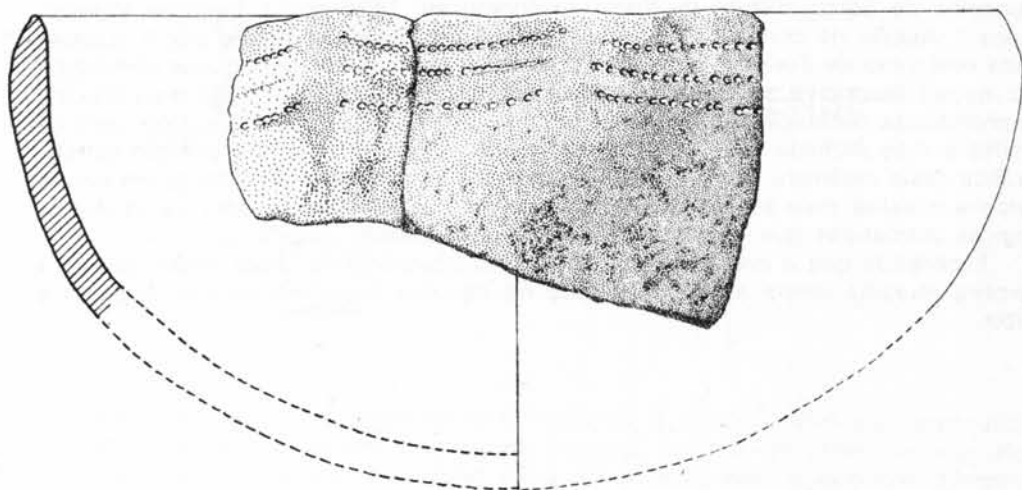


Fig. 3 - Vaso cerâmico encontrado sob a terceira muralha (S. J. 150)

ficou intacta, debaixo do caminho. Esta muralha é uma construção não muito maciça, em que a face exterior serve de suporte a um aterro, onde se podem distinguir várias capas depositadas sucessivamente durante os trabalhos de edificação da muralha, e limitado no lado interior por uma camada de grandes lajes postas em plano inclinado, formando assim uma rampa ⁴.

Durante os trabalhos de limpeza do perfil, apareceram alguns, muito poucos e, aliás, quase nada significativos, fragmentos de cerâmica moldada sem torno. Sob a primeira camada do alicerce do lado externo da muralha apareceram, no entanto, quatro fragmentos de um mesmo vaso, sendo possível, por dois deles que constituem parte do bordo, obter uma reconstituição da forma do vaso.

Trata-se de uma escudela com 15 cm de diâmetro geométrico na boca, com o bordo decorado, com uma altura possível de 7,5 cm e de fundo esférico. As superfícies interior e exterior apresentam uma coloração cinzenta-escura acastanhada, tendo a exterior sofrido um maior desgaste; a superfície interior ainda, porém, apresenta o polimento primitivo podendo notar-se uma muito ligeira ondulação plástica resultante do processo de fabrico. A fractura é bastante regular, de cor bege-acinzentada devido à presença de muitos elementos antiplásticos arenosos finos que acompanham outros maiores, mais raros, micáceos e quartzíticos. A decoração, junto ao bordo, consiste num pontilhado miúdo, obtido pela ligeira pressão de um punção; este pontilhado agrupa-se em segmentos de três linhas paralelas e ligeiramente arqueadas, com cerca de 3 cm de extensão. Este motivo decorativo encontra-se igualmente representado num vaso cerâmico proveniente do dólmen de Forles,

⁴ Os trabalhos no castro iniciaram-se no ano de 1974 com a limpeza da vegetação, muito vasta, que cobria todo o cimo da elevação. Os trabalhos na terceira muralha efectuaram-se em 1976.

concelho de Sátão, distrito de Viseu, explorado em 1896 por J. Leite de Vasconcelos ⁵. Apesar de considerarmos muito alta a cronologia apontada por V. Leisner para este vaso de Forles ⁶, não quisemos deixar de o referir pela quase identidade do motivo decorativo, se bem que a pasta do vaso de São Juzenda seja mais fina e a impressão da decoração mais suave; há ainda a considerar que a boca do vaso de Forles é mais fechada e a parede mais espessa. Tendo em conta a posição estratigráfica desta cerâmica de São Juzenda, que nos dá um *terminus post quem* para a terceira muralha, mais aconselhável se torna evitar cuidadosamente conclusões cronológicas prematuras que este paralelo com Forles poderia sugerir.

Esperemos que o problema levantado pelo aparecimento desta cerâmica sob a terceira muralha venha a ser esclarecido no decurso deste estudo que estamos a fazer.

Resumé

Cette note présente le Castro de São Juzenda, dans le Nordest du Portugal. On remarque le décor (sur deux tessons d'une même pièce céramique) déjà connu sur céramique 'mégolithique' du dolmen de Forles, dans le Portugal Central. Pour le moment, les AA. refusent une approximation chronologique, et même morpho-typologique, entre ces céramiques, malgré l'évidence du motif décoratif, car les données stratigraphiques obtenues dans ce gisement ne le permettent pas. Les coupes stratigraphiques du Castro de São Juzenda, le seul oppidum de cette région qui a été l'objet d'une fouille méthodique, seront publiées par les AA. prochainement.

⁵ José Leite de Vasconcellos, Acquisições do Museu Ethnographico Português, in *O Archeologo Português*, III, Lisboa, 1897, p. 109, e Irisalva Moita, Características predominantes do Grupo Dolmênico da Beira Alta, in *Etnhas*, V, Lisboa, 1966, pp. 246-248.

⁶ Vera Leisner, Die Verschiedenen Phasen des Neolithikums in Portugal, in *Palaeohistoria*, 12, Groningen, 1966, pp. 363-372.